Japão aprende com relutância a difícil arte

HAL PIPER
The Baltimore Sun

Um surrado lugar-comum sustenta que, enquanto a Alemanha enfrentou diretamente sua culpa na guerra, o Japão não fez o mesmo. Como tantos lugares-comuns, este em certa época teve algo de verdade. Mas, 53 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o passado está alcançando o Japão.

Cerca de 40 ações judiciais privadas, movidas por estrangeiros que reivindicam compensações do governo japonês, tramitam nos tribunais do país. Escritores e historiadores pesquisam os fatores que transformaram jovens polidos em soldados brutais. E uma complexa política de desculpas ativa as relações diplomáticas entre o Japão e seus vizinhos asiáticos.

O último pedido de desculpas aconteceu há duas semanas, num comunicado diplomático formal assinado pelo primeiro-ministro Keizo Obuchi e seu colega sul-coreano, Kim Dae Jung: "Obuchi, fazendo um exame retrospectivo das relações entre a Coreia e o Japão, reconheceu humildemente o fato histórico de que o domínio colonial japonês infligiu dano e sofrimento insuportáveis ao povo coreano e manifestou remorso, arrependimento e pediu sinceras desculpas pelo que aconteceu."

O pedido de desculpas de Obuchi não foi o primeiro reconhecimento do Japão de sua

culpa na guerra. Ele era primeiro-ministro há menos de um mês, no verão passado, quando se restabeleceram as cerimônias anuais do Dia da Rendição, em 15 de agosto. "Essa guerra causou tremenda dor e sofrimento, particularmente aos países asiáticos vizinhos", disse Obuchi numa reunião em que estavam o imperador e a imperatriz do Japão e 6.800 parentes de soldados e civis japoneses que morreram na Segunda Guerra Mundial. "Gostaríamos de manifestar sinceramente nosso profundo pesar e condolências a eles."

Remorso – Foi o sexto ano consecutivo em que um primeiro-ministro japonês aproveitou a ocasião do aniversário da rendição para expressar "remorso" pelas vítimas da guerra em outras partes da Ásia, onde foram perdidos 20 milhões de vidas. Mas naquele fim de semana, 13 membros do gabinete de Obuchi estavam assistindo a cerimônias no Santuário de Yasukuni em honra dos japoneses mortos na guerra. A ausência de Obuchi enfureceu a Associação dos Amigos dos Mortos na Guerra, cujo chefe, Masao Honda, disse: "Um primeiro-ministro que não pode visitar oficialmente o santuário não tem o direito de ser o dirigente da nação."

Segundo o deputado direitista Nakamura, o Japão não foi o único país a cometer atos cruéis durante a guerra. "Tenho dúvidas sobre os livros escolares de história do Japão, que só sabem citar os aspectos negativos da história do país", disse ele. "As escolas devem ensinar mais sobre a história gloriosa do Japão, de forma que os jovens possam sentir orgulho do seu país."

Acontece o contrário, argumenta Saburo Ienaga. "História gloriosa" é exatamente o que todos os textos escolares contam. O historiador, de 83 anos, passou 32 anos lutando nos tribunais japoneses pelo direito de contar

a verdade, como ele a vê, sobre a história do Japão na guerra. Sua batalha legal começou em 1965, quando o Ministério da Educação ordenou que reconsiderasse passagens de seu manual para o curso secundário, *Nova História do Japão*, porque mostrava ações japonesas sob luz desfavorável.

O coreano Kim, um dissidente preso na época em que a Coreia do Sul esteve sob governo autoritário, tem prestígio no Japão. Desculpar-se ante ele é relativamente mais palatável do que ante países mais rabugentos como a China, embora desculpas obliquas também tenham sido pedidas nessa direção.

O comunicado coreano fez questão de enfatizar que Kim tem um sincero interesse numa futura amizade com o Japão – e não quer simplesmente importuná-lo para obter ajuda ou dinheiro por desengargo de consciência. Realmente, os dois países serão co-anfitriões da Copa Mundial de Futebol do ano 2002, de forma que têm interesse em resolver suas diferenças agora.

Enquanto diplomatas e políticos manobram para fazer o que podem da história do Japão, as vítimas da guerra, em número cada vez maior, estão requerendo compensação nos tribunais japoneses. Com base em precedentes, a maioria não chegará a lugar nenhum, mas o processo assegura que o passado continue enfrentando os japoneses de hoje.

O processo mais famoso foi movido por mulheres coreanas – forçadas a fazer sexo com soldados japoneses. Os últimos primeiros-ministros têm pedido desculpas a essas mulheres como uma classe, mas o governo vem se recusando a dar compensação oficial. Em vez disso, tem tentado estimular doações privadas a um fundo para as mulheres. Mas é muito pouco o dinheiro que vem entrando.